

CEDI - P. I. B.
DATA 17 / 07 / 86
COD 01130

RELATÓRIO REFERENTE A HIDRELÉTRICA DE
CACHOEIRA PORTEIRA AGOSTO/81.
MARIA DA PENHA C. DE ALMEIDA

14.091.1003 E 003175
Brasília-D.F.

Mem. nº *402* /81-AGESP DSG/SPA - PROTOCOLO

Em, 24.09.81

Do : Antropóloga Maria da Penha Cunha de Almeida

Ào : Senhora Coordenadora da CPC

Assunto

Senhora Coordenadora,

Tendo em vista a Instrução Técnica nº 029/GT PARAKANÃ, através da qual fui designada para assessorar a equipe da ELETROMORTE na fase de estudo da Hidrelétrica Porteira bem como, efetuar um estudo preliminar sobre as soluções possíveis para os grupos indígenas que habitam a aldeia Mapuera, durante um período de 25 dias, encaminho a V.Sa. Relatório referente a situação da área do Trombetas/Mapuera (PA).

Atenciosamente,

M^a da Penha C. de Almeida

MARIA DA PENHA CUNHA DE ALMEIDA
- Antropóloga -

[Handwritten signature and initials]

AGESP/MPCA/dcs.

MOD. 113

FUNAI/DGPI
RECEBIDO 21/10/81
[Signature]
RUBRICA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 3115/81

FLS. 02

CUBRICA 8/1

RELATÓRIO REFERENTE AO PROJETO DA HIDRELÉTRICA

DE

CACHOEIRA PORTEIRA - (TROMBETAS)

AGOSTO/81

MARIA DA PENHA CUNHA DE ALMEIDA

Í N D I C E

I - INTRODUÇÃO

II - HIDROGRAFIA E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GRUPOS INDÍGENAS 03

III - HISTÓRICO 06

 a) GRUPOS INDÍGENAS DO TROMBETAS 06

 b) TIRIYÕ E KAXÚYANA 13

IV - GRUPOS ARREDIOS 16

V - ALDEIA MAPUERA 21

 - NECESSIDADES 26

 - ASPECTOS GERAIS 28

VI - CONCLUSÃO 30

VII - BIBLIOGRAFIA 39

VIII - FOTOGRAFIAS 40

IX - ANEXOS

 a) PIRÂMIDE DE IDADE DA ALDEIA MAPUERA

 b) MAPA CONTENDO A PLOTAÇÃO DAS CLAREIRAS DO MAPUERA, CACHORRO, TROMBETAS E ÁREAS DE ROÇA DO MAPUERA (EM VERMELHO)

 c) MAPA DA DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS DOS PIS NHAMUNDÁ/MAPUERA CONTENDO A PLOTAÇÃO DAS ROÇAS, ÁREAS DE PESCA E CAÇA, TANTO DO NHAMUNDÁ COMO DO MAPUERA.

 d) MAPA DO RESERVATÓRIO CONTENDO A PLOTAÇÃO DOS 11 DIQUES QUE SERÃO CONSTRUÍDOS (FORA DA ÁREA INDÍGENA).

I - INTRODUÇÃO

Através da Instrução Técnica Executiva nº 029/ /GT Parakanã de 17 de julho de 1981, o Presidente do Grupo de Trabalho Parakanã, Ivan Zanoni Hausen, designou, eu, Maria da Penha C. de Almeida, Antropóloga da AGESP e a Antropóloga Lúcia Helena Soares de Mello, do DGO, para nos deslocarmos à área do Trombetas/Mapuera (PA), objetivando assessorar a equipe da ELETRONORTE na fase de estudo da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira e efetuar um estudo preliminar sobre as soluções possíveis para os grupos indígenas que habitam a aldeia Mapuera.

Saímos de Brasília no dia 23.07.81 para realizar a 1ª. etapa da tarefa em pauta, perfazendo um período de 25 dias.

Os estudos realizados em Cachoeira Porteira, pela ELETRONORTE S/A, tinham o objetivo de demonstrar a viabilidade técnica e econômica de um aproveitamento nesse local, com características adequadas ao fornecimento de 400MW médios de energia firme à "área de bauxita" perto de Oriximiná, na região do polo Monte Alegre. Essa área, geologicamente, é terciária, onde ocorrem grandes depósitos de bauxita.

O projeto de Cachoeira Porteira visa a operação da usina, isolada de qualquer outra fonte geradora no início de sua vida, exclusivamente para suprimento energético de uma indústria de extração e tratamento de minério de bauxita a ser eventualmente implantada, sendo que esse projeto além de atender a essa indústria pretende atender também às cidades próximas existentes, como Oriximiná e Óbidos e/ou outras indústrias que vierem a ser criadas nessa região.

Na região do rio Trombetas ocorrem consideráveis depósitos de bauxita, cujo processamento para produção de alumínio ou para própria metalurgia do alumínio poderá, eventualmente, necessitar de energia elétrica. Esse fato constitui a razão para o Estudo do Projeto de Instalação de uma Hidrelétrica na Cachoeira Porteira.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Após o reconhecimento aéreo do Trombetas, constatou-se que o suprimento hidrelétrico da "área da bauxita" poderia ser efetuado por um aproveitamento no trecho do rio Trombetas próximo à confluência com o rio Mapuera, contendo a Cachoeira Porteira (de 300 a 500MW médios de energia firme).

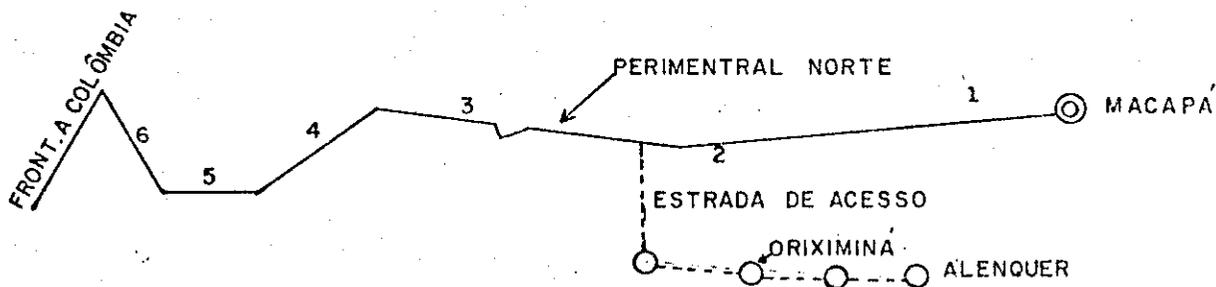
A Cachoeira da Porteira, no rio Trombetas, encontra-se a cerca de 215Km da confluência desse rio com o Amazonas, no município de Oriximiná.

O rio Trombetas é navegável desde a foz até as proximidades da Cachoeira Porteira.

Essa região poderá ficar sujeita a sismos de baixa intensidade após o enchimento do reservatório, principalmente pela saturação e peso a que estão submetidas as estruturas geológicas existentes.

O reservatório se estenderá por uma área de 1.126Km² e tem no braço maior, ao longo do rio Mapuera, uma extensão de 214Km. Serão necessários 11 diques para fechamento dos pontos de fuga na margem direita do rio Mapuera (mapa anexo).

A ELETRONORTE já conta com uma infra-estrutura montada pela Andrade Gutierrez desde 1973, na Cachoeira Porteira. Essa infra-estrutura visava a construção de uma estrada de acesso à perimetral norte. Essa estrada não chegou a se encontrar com a perimetral norte, sendo que de 1973 a 1975, 210Km margeando o Trombetas, foram construídos. Na época da construção da estrada houve um boato de índios arredios e os "peões" voltaram correndo para o acampamento. Mas, um sertanista foi mandado para lá e nada foi confirmado.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Alguns trechos da Perimetral Norte estão prontos como o trecho 5 e 4 e quase todo o trecho 3. As firmas empreiteiras contradas para construir esses trechos seriam:

- Trecho 6: Queiroz Galvão (386Km)
- Trecho 5: EIT (355Km)
- Trecho 4: Camargo Correa (402Km)
- Trecho 3: Rabello (471Km)
- Trecho 2: Andrade Gutierrez (499Km)
- Trecho 1: Mendes Júnior (473Km)

No entanto, esse projeto da estrada de acesso foi interrompido por falta de verba desde 1975.

Até esse período, a Andrade Gutierrez já havia construído 210Km dessa estrada que permanece inacabada.

II - HIDROGRAFIA E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE GRUPOS INDÍGENAS

O rio Trombetas com cerca de 1000Km é o maior afluente da margem esquerda do Amazonas, dentro do Estado do Pará. Os afluentes mais importantes do lado ocidental são: Mapuera, Cachorro ou Kaxúru, Yáskuri, rio Velho, e na altura equatorial, o rio Turúnu. A leste o Trombetas recebe o Erepecuru ou Cuminá, o Damiana, Kachpakúru, Imno-húmu e o Ponékuru.

O Mapuera se compõe do Tauní e do Urucurina. Soamente a partir da confluência desses dois formadores é que se dá ao rio a denominação de Mapuera. O Tauní possui como cabeceiras duas ramificações maiores: o Tuxúmi e o Kumúnu. O Urucurina se forma com o Eitô e o Morô. Todos esses rios são habitados por grupos Parukotó.

Já os grupos Tiriyó e aparentados vivem no Paru do Oeste, que recebe afluentes vindos bem do norte, pela direita o Kurupíni, um pouco mais abaixo o Kumaruwíni, o Karapáwa e o Akahé. Mais adiante, na zona dos campos, lançam-se nele pela esquerda o rio Irikí e o rio 15 de Novembro.

Depois da confluência com o Marapí, toma o rio Paru outro nome: Erepecuru ou Cuminá.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Das regiões interfluviais do Mapuera-Trombetas aflui ao rio principal (Trombetas), primeiramente o rio Cachorro (Kaxúru). Seu afluente mais importante é o Cachorrinho.

O rio Kotonúru tem as margens de acordo com as formações de Frikel, cheia de malocas de índios "bravos".

"Outrora, a região que acabamos de delimitar era grandemente povoada por índios e ainda hoje o é, relativamente... (classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes - Revista de Antropologia, Volume 6, nº 2, Dez/58 - Protásio Frikel).

"A oeste, as notas colhidas, sobre grupos indígenas estendem-se até o Jatapu, afluente do Atúma ou Uatumã, no Estado do Amazonas". (classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes - Revista de Antropologia, Volume 6, nº 2, Dez/58, pág. 116, Protásio Frikel).

A maior parte dos índios, vive nos igarapés e afluentes do Trombetas, e de preferência nas cabeceiras no verão, quase sempre descem aos rios principais para pescar, procurar ovos, etc... Contudo, suas plantações e malocas se acham distantes no interior. Esta é sem dúvida, uma das razões porque os índios em geral, mas especialmente os do Trombetas, mantêm pouco contato com os civilizados do rio Amazonas, bem como da existência, ainda hoje, de muitas tribos desconhecidas naquela região.

Muitas vezes se tem definido os índios dessa região como "Karib" ou "Karipung", e cerca de cem nomes tribais específicos.

Esta grande quantidade de nomes indica que num território relativamente limitado, não se pode tratar de grandes nações, mas sim pequenos grupos.

O Karib, em geral, não tem tendência para grandes aglomerações étnicas, prefere o sistema das pequenas "sipes" em forma de habitações dispersas, a partir disso se constata que o processo de concentração ocorrido no Nhamundã e Mapuera não foi um processo natural.

Na bacia do Trombetas propriamente dita encontram-se três grandes grupos Karib, aos quais se juntam dois menores no Paru de Leste - Jari. São eles:

1. os Parukotô-Charúma, nas regiões ocidentais do Jatapu através do Nhamundã, Mapuera, Turúnu até o Trombetas;
2. os Waríkyana, no setor central, nas margens do próprio Trombetas;
3. os Pianokotô-Tiriyô, na parte ocidental da bacia do Trombetas, do Panamá através do Marapi e Paru do Oeste até o alto Paru do Leste, nas cabeceiras dos rios: Chipariwini, Tapanami e Paruma.

O Trombetas é um autêntico divisor entre os Charúma e os Pianokotô.

Considerando-se os Waríkyana situados entre os outros dois grandes grupos, têm-se a impressão de que esse grupo étnico tenha se introduzido aí, como uma cunha. E de fato, segundo as tradições migratórias dos Waríkyana, seus antepassados, vieram do Rio Amazonas para a bacia do Trombetas.

Os Charúma constituem atualmente, uma pequena tribo da região do Turúnu. Seu habitat estendia-se outrora até a zona do Trombetas e Kafuine.

Os Tunayána têm sua sede em um afluente da margem esquerda do Turúnu, no igarapé Wehánama (igarapé da flauta).

O termo Katuena também tem sido utilizado muitas vezes em um sentido coletivo. Alguns utilizam esse termo para todas as tribos que vivem entre os rios Nhamundã e Mapuera. Provavelmente, segundo Frikel significa "os não-bons, os maus, os selvagens". Os Katuena são divididos em dois grupos: "Katuena mansos" chamados Totókumu e os "Katuena bravios" denominados Totô-Immo. Os Totókumu abrangem principalmente as tribos do Acari e são tribos "bravias" aculturadas aos Parukotô, enquanto os Totô-Immo ainda hoje são "selvagens". (Ex. de Totókumu, Katuena que habitam a aldeia Mapuera).

"Pianokotô" é a denominação geral usada pelos grupos Waríkyana e Charúma para todas as tribos Tiriyô, habitantes do leste do Trombetas.

*Os Hixkaryana da Aldeia Cassauã consideram os Katuena não aculturados aos demais grupos Parukotô dessa região como bravos e selvagens (Totô-Immo).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI- ASPECTOS FISIAGRÁFICOS

O rio Trombetas drena, juntamente com seus afluentes, entre os quais se destacam os rios Turúnu, Mapuera, Cachorro e Erepecuru, uma vasta região situada na margem esquerda do rio Amazonas do qual é tributário, esta região está contida praticamente no Estado do Pará.

A Serra Acaraí estende-se na direção Leste-Oeste e forma parte da fronteira entre o Brasil e a Guiana, com altitudes variando de 239 a 1009m. Nessa serra estão as cabeceiras dos rios Mapuera e Trombetas, inclusive dos afluentes superiores, rios Comimo e Kafuini, Poama e Anamu (do Trombetas).

O rio Erepecuru nasce mais a leste, seu principal afluente é o rio Marapi, com nascentes na serra do Tumucumaque, na fronteira do Brasil com o Suriname.

O rio Trombetas com cerca de 1000Km é o maior afluente da margem esquerda do Amazonas, dentro do Estado do Pará. Os afluentes mais importantes do lado ocidental são: Mapuera, Cachorro ou Kaxúru, Yáskuri, rio Velho e na altura equatorial, o rio Turúnu. A leste o Trombetas recebe o Erepecuru ou Cuminã, o Damiana, Kachapakúru, Imno-húmu e o Ponékuru.

III - HISTÓRICOa) Grupos Indígenas do Trombetas

Os grupos indígenas que habitavam no passado o Trombetas são muitos, sendo que muitos deles são considerados "extintos", embora sobre eles não se possua informações suficientes para tal afirmação.

A tribo dos Uabóys era constituída por cinco hordas ou clãs: Uabóy, Conori, Querena, Paracoimã e Paracuatã, localizados nas paragens banhadas pela bacia inferior do rio Trombetas e Nhamundã.

Devido ao avanço da civilização portuguesa, os Uabóys abandonaram o Trombetas, transferindo-se para o Nhamundã no século XVII.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

"Treze e meia linhas acima do Cuminã, o rio pa rece dividir-se em dous, porque afflue ahi uma larga boca, forman do uma grande bacia na margem direita, o lago Batata. O rio conti nuando no mesmo rumo que traz, estreita-se comtudo ahi muito, ele ... diversos sítios ahi se avistam pela margem esquerda, habitados por Tapuyos". (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues)

"Nesse rumo recebe o lago Uabôhy, onde a tradi ção diz que habitaram os gentios desse mesmo nome, contemporaneos das Amazonas, que fica na margem direita e o lago Cabeça de Preto, que na margem opposta apparece..." (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues)

O grupo Kaxúyana (T. Lingüístico Karib) que ha bita atualmente a aldeia Porteira do Nhamundã, é proveniente dos rios Cachorro e Cachorrinho, afluentes do Trombetas. Em 1968 é que houve essa migração motivada pelo processo de depopulação que atin giu o grupo devido ao contato com membros da população nacional e, consequentemente, a necessidade de cruzamento com outros grupos in dígenas.

Os Ingarüne , considerados "extintos" migraram para a região do Alto Trombetas, rios Cachorro e Cachorrinho, tendo esse grupo no passado se cruzado com os Kaxúyana.

"Ainda tem Ingarüne nas cabeceiras do Trobetas. São amigos dos Mêrêwã, se visitam mutuamente e vão ver as aldeias deles. Todos eles são do mesmo sangue e falam a mesma língua". (Ka xúyana - Notas etno-históricas - publicações avulsas do Museu Goel di - Protásio Frikel)

"Em 1953, no Alto Panamá, encontramos os Kaxú uana/Ingarüne morando em estreitas relações sociais e culturais ao lado dos Maraxô/Marayã". (Kaxúyana - Notas etno - históricas - pu blicações avulsas do Museu Goeldi - Protásio Frikel)

Os Waríkyana se estabelceram no rio Yāskuri, a fluente do Trombetas. Tendo na década de 50, os Waríkyana que habi tavam o rio Ambrósio, se "extinguído" devido a uma doença, talvez a febre amarela.

Os Pawíxi, que anteriormente habitavam os afluentes do rio Erepecurú, se estabeleceram na boca do Trombetas (Óbidos), também estes são considerados "extintos".

"O rio Cuminá, que é de Água Preta, como o Trombetas, não é mais do que o rio Erepecurú, que mais ou menos corre paralelo ao Trombetas; tendo suas nascentes próximas a taba Piana-ghotô, descendo para o S por um terreno pedregoso, que o torna todo cheio de cachoeiras..." (Exploração e estudo do Valle do Amazonas)

Os Káhyana (gente do Trombetas) habitaram o Kachpakuru, afluente esquerdo do Alto Trombetas, nos setores centrais em um lugar chamado Marúmu, sendo que outra facção do grupo Káhyana tinha roças no alto igarapé Imno-húmu. Esses dois grupos tiveram uma guerra intertribal em 1949, tendo o grupo praticamente se extinguido nessa luta interna. De uma facção sobreviveram somente 3 pessoas que se agregaram aos Kahúyana, da outra facção sobreviveram 10 indivíduos que ficaram morando nas matas do igarapé Imno-húmu (Trombetas), sobre esses não se tem mais notícias.

Os Káhyana anteriormente habitaram o médio Trombetas até a cachoeira Fumaça, se concentrando nos rios Damiana e Velho.

Os grupos que habitavam o Trombetas se definharam com o surgimento de mocambeiros no rio Trombetas, fugidos das fazendas do baixo-Amazonas (1836) e as doenças por eles importadas (gripe, tuberculoses, e outros).

"Os mocambeiros que vivem espalhados pela região encachoeirada, nunca passaram da cachoeira Fumaça que é a última antes da confluência, de que fica próxima. Por intermédio dos Arequenas negociam com os Índios Tunayanas que habitam próximo à confluência, não longe dos Charumás, que a seu turno tratam com os Piana-ghotôs, estes com os Drios e Mocambistas de Surinam. Os Piana-ghotôs, Tunayanas e Charumás, costumam descer até os mocambos, e mesmo parte da tribu dos Piana-ghotôs, desceu e se estabeleceu nas cabeceiras do rio Aripecurú". (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues)

Informa a tradição Kaxúyana, que houve contatos prolongados com os negros mocambeiros. Estes se estabeleceram no iní

cio do século XVII, principalmente na região dos Kâhyana. Eram escravos fugidos das fazendas do baixo Amazonas e Trombetas. Em parte tiveram boa convivência com os Kâhyana e outros índios da região com os quais estabeleceram relações comerciais.

Entretanto, houve também lutas sangrentas entre os índios Kâhyana e mocambeiros. No correr dos tempos, os mocambeiros tornaram-se uma certa potência no Alto Trombetas: Sua força foi quebrada, somente com a destruição de seu mocambo central "maravilha" pelos soldados da guarda nacional em 1855.

Um contato mais estreito entre os mocambeiros e os Kaxúyana do rio Cachorro, surgiu depois da Lei Áurea (1888), em consequência da qual os negros abandonaram o alto rio, ocupando como novo habitat a região da foz dos rios Cachorro, Mapuera, da Porteira e das terras vizinhas ao "rio Manso". Resultou desse contato certa mesclagem. Parece que o negro deixou uma boa estria de sangue entre os Kaxúyana.

"Nesta ordem, as principais cachoeiras da confluência para baixo são: Fumaça, Canal, Baccaba, Maniva, do Mina, Casparuro, Bigode, Caingro, Franco, Tira-Camisa, Cofneiro, Jascury, Inferno, Tramallete, Travô, Caxono, Quebra Potes, Vira-Mundo, Boto e São Miguel ou Porteira. Entre Baccaba e Maniva, existe hoje um começo de aldeia, denominada Campis, e acima da Caspacuro foi a extinta Maravilha". (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues - grifo meu)

"Neste espaço desaguam na margem direita, logo acima da cachoeira Fumaça, depois da barra do Mahû e Capû, o rio Turûnu, habitado pelos Tunayanas, e o Caxorro, acima da cachoeira Viramundo". (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues)

Entre 1923 e 1925 surgiu o sarampo nas aldeias indígenas introduzido pelos castanheiros. Houve muitos surtos epidêmicos, devido ao contato com os negros, mas foram menos terríveis que o sarampo da década de 20. Essas doenças contribuíram para a depopulação dos grupos indígenas que habitavam essa região.

A tradição diz que inicialmente, os grupos indígenas que habitaram o Trombetas, ficaram mais ou menos unidos, e se espalharam somente mais tarde.

A emigração de leste, ou seja, dos grupos que vieram subindo os rios Amazonas e Trombetas, indica datar de época relativamente recente, isto é, do tempo da expansão da colonização portuguesa no Amazonas.

Tanto o rio Amazonas, quanto as terras ao norte dele, no tempo do descobrimento, eram conhecidos sob o nome de "Paríkuru".

De Paríkuru emigraram, segundo o relato Kaxúyana, dois grupos vizinhos: Arikyana/Waríkyana, seus ancestrais e os Mêrêwa/Maráwana. Ambas as tribos são mencionadas pelos cronistas entre o Amazonas e o Oyapoque.

Os Aríkyana (Arikarí) viviam, em Paríkuru em harmonia com a tribo vizinha, os Marawaná.

No correr do século XVIII ambas as tribos sumiram daquelas paragens. Parte deles emigrou no rio norte, e parte subiu o Amazonas e o Trombetas, onde os dois grupos se fixaram.

Historicamente consta que os Marawá/Marawana abandonaram, como seus vizinhos Arikari, suas terras e, aos poucos emigraram, provavelmente, devido certa pressão feita pelos portugueses do Pará. Este movimento migratório deve ter tomado maior impulso no último terço do século XVIII, quando os "marancenizes" se envolveram, juntamente com os Arikarí, Oivanala e Aguaraalé, em um levante contra os portugueses e contra as Missões. Em consequência das expedições punitivas despachadas pelo governo do Pará, houve mortes, prisioneiros e transferências de grupos inteiros para Marajó. Sem dúvida muitos índios fugiram e um século mais tarde, já não se encontravam mais índios naquelas terras. Depois dos levantes dos Marawaná e Arikari (1687) começaram a aparecer grupos desses índios na foz do Tapajós/Trombetas.

Em 1953, encontraram, no alto Panamá, Kaxúyana/Ingardne vivendo em estreitas relações sociais ao lado dos Maraxó/Marayó.

Muitos foram os grupos indígenas que habitaram o Trombetas:

"Como disse, o alto rio Trombetas é habitado por diversos gentios, que são os Piana-ghotós, Charumás, Tunayanas e Arequenhas. Os primeiros são baixos, reforçados de uma cõr pallida, cabeça grande, olhos muito rasgados, de expressão triste e cabellos ne

gros e compridos, que trazem unidos e pressos no alto da cabeça por um anel comprido de tecido de palha, às vezes enfeitado de pennas miúdas sahindo as possias que cahem pelas costas. Usam tambem pulseiras. São os melhores intermediários entre os da Guyana. Suas casas são redondas e no centro da floresta."

"...Os Tunayanas vivem com os Charumãs no rio Turúnu, e têm quasi que os mesmos habitos e estão ligados aos Pianaghotós.

...Os Arequenas, vivem no rio Caxorro, e tem quasi os mesmos usos dos Pianas, diferençando-se nas ligas das pernas, que são mais umas peneiras de palha do que ligas... suas flechas são todas envenenadas." (Exploração e Estudo do Valle do Amazonas - Barbosa Rodrigues)

Haviam na região do Trombetas, vários grupos cada um com seu chefe e sobre todos parece ter mandado um chefe geral, o "grande chefe". Essa organização tribal, alcançava tanto os núcleos dos ancestrais da região da foz do Tapajós (Txuruta-Númu, Aríkmãna), como também os Pawíxi ou Pauxís, da futura Óbidos. Todos os grupos aparentados eram orientados pelo "grande chefe", segundo Heriarte tal estrutura social de fato existiu.

Entretanto, já na primeira metade do século XVIII, entre 1603 e 1643, essa estrutura social é relatada na costa de Parí kuru.

Nimuendaju e Harcourt falam de um "grande chefe", Senhor dos yao, cujo poder se estendia desde o Amazonas até o Essequibo. Chamava-se Anakiary, sendo que sua terra de origem era o Orinoco.

Expulso pelos espanhóis, emigraram seguindo a Costa do Mar Carib. Este cacique tornou-se senhor também da província dos Arikary (Aricari) e dos Maráwana. Isso quer dizer que o "grande chefe" reinava nas terras e na Província de Parí kuru, desde o Amazonas até o Oyapoque, cujos habitantes nessa época eram além dos emigrados yao, os Aricari e Maráwana.

A própria tradição Kaxúyana relata essa mesma estrutura federativa, entre seus ancestrais e grupos aparentados, quando estes moravam em Santarém (Txuruta-húmu), em Óbidos (Pawíxi) e no baixo Trombetas. A tradição cita o nome do último dos "grandes che

fes" que emigrou da região de Santarêm para o Trombetas: Tawîrekema.

Atê 1946, os Kaxúyana tiveram contatos esporádicos com os Pawíyana do alto Kuate/Ponékuru. Esses índios sempre se mostraram pacíficos mas nunca levaram forasteiros em suas aldeias, sendo que estas ficavam há três horas de distância da beira do rio. Acreditamos que o receio do contato e a própria experiência negativa de contatos anteriores, levem muitas vezes esses grupos a se manterem afastados e daí a dificuldade de serem localizados. Na primeira metade do século XVIII, mais ou menos, cessaram todas as informações sobre os índios do rio Trombetas; durante dois séculos os Kaxúyana e seus subgrupos estavam como que desaparecidos e nesse tempo diminuíram consideravelmente, em número. A partir daí muitos grupos foram considerados "extintos", entretanto seria muito precipitado afirmar que todos esses grupos se "extingiram", pois há um enorme desconhecimento a respeito dessa área, e muitos desses grupos indígenas podem ter migrado para regiões próximas ao seu antigo habitat e se encontram hoje na condição de arredios. Os Karafawyana, por exemplo, até janeiro de 81, eram considerados "extintos". Hoje sabe-se que existe aldeias Karafawyana nas cabeceiras do rio Jatapu.

Os Ingarúne do Alto Trombetas/Panamã, de acordo com a tradição Kaxúyana, se mesclaram com os Káhyana mas sentiam falta de elementos humanos para a sobrevivência grupal.

Devido a isso os Ingarúne desceram do alto Trombetas e encontrando os Warikyana do Yaskuri em condições semelhantes, misturaram-se com eles. Por causa de novas epidemias, esse grupo enxertado do Yaskuri, em seguida foi morar no igarapê Ambrósio e rio Cachorro, mesclando-se com os Kaxúyana desse rio. Mesmo assim procuraram manter suas aldeias num dos dois rios, Ambrósio ou Yaskuri até 1950, quando uma doença, talvez a febre amarela, os "extinguiu".

Em 1949, com a luta interna entre os dois grupos Káhyana, sobreviveram de uma facção 3 pessoas que se agregaram aos Kahúyana, que naquela época moravam perto da foz do Kachpakúru. Da outra facção sobreviveram 10 indivíduos que ficaram morando nas matas do igarapê imno-húmu.

Os Ingarlne em 1953, viviam em boa harmonia com os Tiriyô/maraxô no rio Panamá ou Uanamú. Foram praticamente absorvidos pelos Maraxô, pois eram poucos. Os Ingarlne abandonaram o rio Panamá em meados da década de 60, emigrando a maior parte para a Missão Americana no Suriname, e alguns poucos para o Paru do Oeste.

Os Kaxúyana, entretanto, além desses, mencionavam um grupo Ingarlne/Káhyana no alto Trombetas. Mas não se tem maiores notícias sobre eles. Citam também os Rêrêyana no Kurátare. Os Ewarhoyana nos campos e os Prenoma, moradores entre o Trombetas e o Erepecuru, mas não se tem maiores informações sobre esses índios.

Os Kaxúyana referem-se também a subgrupos, entre os quais os Urumamányana, antigos moradores do igarapé Urumama'na ou Worãhtxa-Yaúkuru, afluente esquerdo do baixo rio Kaxúru (Cachorro). Estes parece que se "extingiram" devido às lutas com os Ka'hyana, entretanto os Kaxúyana crêm que ainda haja sobreviventes daqueles grupos do igarapé Worãhtxa-Yaúkuru e do Igarapé Trava, pois encontram vestígios de gente e certa vez até ouviram vozes, mas não tiveram coragem de aproximar-se deles. Isso se deu na década de 30, quando os Kaxúyana ainda habitavam o Trombetas (Rio Cachorro).

b) Tiriyô e Kaxúyana

Os primeiros contatos entre grupos Tiriyô e brancos, deram-se no século XVIII, numa experiência amarga e inteiramente negativa para os índios. Naquela época os Tiriyô se estendiam desde os rios Kouratyne/Sipaliwini por um lado e o Kafuíne/Panamá por outro lado, até o alto rio Oiapoque.

Os portugueses com o auxílio de índios Oyampi (Tupi) tentaram escravizá-los; os Tiriyô lutaram contra a escravidão e recuaram para o oeste, até o recôncavo do Tumucumaque.

Nos documentos de setecentistas os Tiriyô são citados entre os rios Jari e Oiapoque e seus afluentes. Nesses documentos uma série de grupos são considerados "extintos", mas na realidade esses grupos sobrevivem até hoje como sibes Tiriyô (Aramiyô, Amragotô, Kirikirigôto, Taripiyô e Paráwayána).

No século XIX, os negros fugidos das feitorias dos holandeses e franceses das guianas, tentaram restabelecer sua vida tribal nas matas dos altos rios do Suriname. Estabeleceram-se no Marowini/Itassi e seus afluentes, na zona intermediária entre os Tiriyô e os civilizados do litoral do Caribe.

Os grupos negros mais próximos da área Tiriyô eram os Dyuká e os Aruáka com a abolição da escravatura no Suriname, o comércio dos negros Dyuká com os índios se intensificou devido ao aumento das possibilidades de aquisição de mercadorias.

As relações entre os Dyuká e os Tiriyô foram mantidas até o ano de 1963, época em que se estabeleceram as Missões entre os Tiriyô do Suriname.

A atuação da Missão Franciscana não visava primordialmente o proselitismo, mas a assistência. Já os protestantes queriam a todo custo atrair os índios Tiriyô para suas Missões a fim de salvar-lhes as almas.

Se não fosse a presença da Missão Franciscana do Paru do Oeste, terra talvez acontecido aos Tiriyô o que se deu na região do Alto Mapuera, ou seja, um despovoamento indígena provocado por atração missionária para o estrangeiro, como aconteceu com os Wai-Wai do Mapuera na década de 40, e hoje não existiriam provavelmente, se esse fato se repetisse, índios Tiriyô em território brasileiro.

Na década de 40, os missionários protestantes de pois de uma negativa dos órgãos competentes brasileiros para estabelecer uma Missão no alto Trombetas (Mapuera), fundaram uma Missão na Guiana Inglesa. O número de Wai-Wai na Guiana inglesa naquela época era calculado em 33 a 77 pessoas. Para o estabelecimento de uma Missão essa população era insuficiente, por isso usaram de todos os meios para atrair os Wai-Wai do Mapuera, e conseguiram seu intento, só que na década de 70 com o governo socialista, os missionários protestantes foram expulsos da Guiana, retornando os Wai-Wai ao berço originário do grupo, o Mapuera. (AQUA)

Os Kaxúyana antes de se mudarem (1968) para o Parque Indígena do Tumucumaque, tinham desde decênios, contatos com os civilizados do rio Trombetas e perceberam a discriminação que o caboclo ou "civilizados" fazia em relação a eles.

Os Kaxúyana eram considerados os "homens da mata", principalmente porque não eram batizados, daí a ânsia dos Kaxúyana de se batizar e mandar batizar os filhos. O batismo dava-lhes prestígio e nível social na vizinha sociedade cabocla do rio Trombetas. Entretanto a distância cultural entre o caboclo e o índio é muito menor que entre índio e missionário, pertencendo o último à "frente selecionada", portanto naturalmente, este último contato foi muito mais pernicioso à cultura indígena que o primeiro.

Quando os Kaxúyana passaram a habitar com os Tiriyo no Parque Indígena do Tumucumaque, os Kaxúyana fizeram os Tiriyo compreender que o "índio" é considerado pelos "civilizados" (Karaiwa), estrangeiros e missionários como gente de segunda categoria que não tem, portanto, os mesmos direitos.

A Missão de Araraparu, no Tumucumaque, pertence ao mesmo grupo de missionários protestantes que atuaram na Guiana Inglesa. Essa Missão foi criada por algumas famílias WaiWai cristianizadas. Depois de conseguir os primeiros adeptos entre os Tiriyo, foram mandados para atrair as aldeias Tiriyo, no lado do Suriname e principalmente, no lado brasileiro, onde existiam maior número de aldeias Tiriyo. Mas em 1960 a Missão do Paru do Oeste começou a recuperar os índios atraídos para o estrangeiro.

Essa concentração dos índios nas Missões é cômoda para os missionários, uma vez que a população estando reunida em um só lugar, não há necessidade das pessoas viajarem à procura das aldeias. Mas essa concentração, na verdade, é altamente desvantajosa para as culturas indígenas.

Na Missão do Araraparu convivem várias linhagens Tiriyo que nem sempre se entenderam entre si, devido a recalques de acontecimentos no passado, etc...

Na Missão do Paru do Oeste, existem atualmente, Tiriyo e Kaxúyana (nº 70) e em 1969 agregaram-se a esta Missão um dos dois núcleos restantes dos Ewarhoyana/Ka'hyana dos campos das cabeceiras do rio Kachpakuru (13 pessoas),

Esta interação de grupos pode formar dentro de uma ou duas gerações uma "jovem guarda", dissociada, destribalizada e separada dos conceitos tradicionais, porque afinal não sabem mais onde se encaixar e o que, socialmente são. Além disso, o fato de in

dios em graus diferentes de aculturação, com culturas diferentes vivem numa mesma comunidade, suscita a discriminação social que faz com que aumente a situação de tensão social. Outra desvantagem dessas concentrações indígenas se refere ao plano econômico e consiste nos problemas de alimentação decorrentes da aglomeração de muita gente. Antigamente, as pequenas aldeias estavam espalhadas sobre um território bastante vasto, em distâncias de 1 a 2 dias uma da outra. Para um grupo pequeno a mata ao redor dava pra fazer roças durante anos e havia caça e peixe suficientes próximas às aldeias.

A lenta descaracterização dos índios submetidos a concentração, pode ser considerada como primeiro passo para uma destribalização.

Atualmente começa-se a se notar um movimento descentralizador devido a esses problemas. Observa-se um processo de descentralização na Missão do Paru do Oeste, onde as linhagens indígenas tendem a restabelecer sua vida tribal em aldeias separadas das Missões, mas próximas a ela. Assim também as criações de novas aldeias no Mapuera e Nhamundá têm a mesma finalidade, pois foram as próprias Missões as causadoras da concentração. Na aldeia Mapuera sente-se o início de um processo descentralizador, principalmente com relação aos Katuena.

IV - GRUPOS ARREDIOS

As tribos "selvagens" têm como atitude fundamental em relação mesmo às tribos vizinhas mais aculturadas, uma total aversão. As tribos "bravias" evitam, propositada e conscientemente, qualquer contato com outros índios, negros ou brancos.

Em algumas tribos existem mediadores escolhidos que mantêm contato com os grupos bravios vizinhos, isso mais para garantir a segurança do próprio grupo tribal que para realizar "negócios". A motivação para o contato ocasional por parte dos grupos "bravios" se deve a constatação do fato de que o espaço vital para eles, torna-se cada vez mais limitado, especialmente pelo fato de que os índios mais pacíficos recuam cada vez mais para o interior, diante da avalanche dos exploradores chamados "civilizados", sendo assim, comprimem as tribos bravias lenta e inexoravelmente. Assim, cada vez mais

começam a chegar notícias de tribos "bravias" tentarem estabelecer um tímido contato (Ex.: Karafawyana).

Quando o GT da FUNAI (Portaria nº 920/E de 12.01.81) para a eleição e delimitação das áreas dos PIs Nhamundã/Mapuera (AM/PA) esteve na aldeia Mapuera, os WaiWai informaram que nas cabeceiras do Jatapu e tributários existiam índios arredios de diferentes grupos indígenas. Os WaiWai com certa frequência estavam mantendo contato com um desses grupos, os Karafawyana que eram considerados até então como extintos: os WaiWai no passado tiveram muitas guerras intertribais com esse grupo que identificavam como Karafawyana.

Nas cabeceiras do Jatapu e tributários existem, segundo informações dos WaiWai, três aldeias de índios arredios que eles acreditam que sejam habitadas por Tomotáyana (pessoas do mato) e Farukwotó, embora com esses últimos grupos não tenham mantido contatos. Estas aldeias estão localizadas há 15 dias de viagem da aldeia Mapuera ao Jatapu.

O rio Bracuxi se localiza próximo às cabeceiras do Jatapu, e é um afluente do alto Mapuera. Os índios Karafawyana habitavam no Bracuxi, sendo que depois se mudaram para as cabeceiras do Jatapu de onde os WaiWai trouxeram em março de 81, 16 Karafawyana que hoje se encontram na aldeia Mapuera. Ewka pretende fazer a pacificação das demais aldeias ainda em agosto/81, para isso pediu autorização em Belém, bem como solicitou machados, facas, etc...

Os Karafawyana que já se encontram na aldeia Mapuera estão praticamente subnutridos. Têm pedido roupas e usado artesanato dos WaiWai. Os WaiWai pretendem criar uma nova aldeia no Bracuxi para os Karafawyana devido ao problema de transmissão de doenças. Os Karafawyana na época do contato possuíam apenas machados de pedra e faziam fogo através de fricção em palha seca.

Ewka tem realizado várias "pacificações" como a dos Kátuena e Xerieu, entretanto, estas pacificações estão relacionadas à catequese, pois depois que foram convertidos, catequisar os demais grupos indígenas parece ser uma missão dos WaiWai.

Os WaiWai informaram que existem também índios arredios não-identificados nos rios Tutumó, Aracoo, Kafuiní e Urucuri na (cabeceiras do rio Mapuera).

Essas informações devem ser consideradas seriamente, uma vez que os WaiWai são considerados, inclusive pelos outros índios do norte do Pará, "nômades" e, portanto, conhecedores profundos de vasta área que circunda seu território.

Os grupos indígenas que atualmente ainda podem ter sobreviventes na condição de arredios na região do Trombetas, Nhamundá e Mapuera são:

01. Amánarawá: são considerados "extintos" mas, segundo informações avulsas, ainda restam alguns grupos no alto Nhamundá-Jatapu. É um povo primitivo que tinha como única arma o cacête. Conta a tradição que eram inimigos dos Karaháwyana com os quais frequentemente combatiam até sua quase extinção;
02. Anfélh-ne: tribo localizada entre o Nhamundá e o Jatapu. São ainda antropófagos. Possivelmente não são Karib (informantes: Hixkaryana);
03. Wâma: são tidos como "ferozes" e "perigosos", e localizam-se entre o Paruma e o Itani. O grupo principal, segundo os Tiriyo, moram nos igarapês do Urumari;
04. Anfika: índios que vivem no rumo do rio Uatumã. Conta-se que não formam aldeias, vagando em pequenos grupos por aquela zona.
05. Amuinô: tribo das cabeceiras do Nhamundá;
06. Animpokôimo: tribo da região situada entre o Nhamundá e o Uatumã;
07. Araráu: tribo localizada entre o Jatapu e o Winí. Dizem que eles se aculturaram parcialmente às tribos Parukotô;
08. Awásene: localizam-se nos campos do alto Nhamundá. São exclusivamente caçadores e coletores e atacam só no escuro;
09. Chichayákere: também habitam a região campestre do alto Nhamundá. São caçadores e coletores;
10. Hichko-imô: tribos das cabeceiras do Nhamundá. À noite, cerram ao redor das raízes das grandes árvores, fazendo com que o tronco caia em cima da maloca, matando seus moradores;
11. Karaháwyana: tribo temível da região do Winí. Já possuem bens culturais Karib: casa redonda, arco e flecha. Em vista da existência de uma tribo de igual denominação e de igual cultura na região do alto Turúnu, talvez se possa concluir tratar-se de uma tribo muito fragmentada que se estende por toda a zona equatorial do Nhamundá ao Turúnu

12. Karará ou Kararáyana: são mais ou menos aculturados às tribos vizinhas. Tem a tez clara e usam barba. Moram na região intermediária de Winí e Jatapu (provavelmente extintos desde que seus remanescentes se agregaram aos grupos Parukotó do Nhamundá). 3 remanescentes na aldeia Cassauá;
13. Mohēyana: tribo do Alto Acapu. Caçam e abatem a presa munidos de simples cacêtes;
14. Puchúma: tribo do Jatapu-Uatumã;
15. Rêpêworiorimó: tribo belicosa localizada entre o Jatapu e o Uatumã. De vez em quando aparecem no Nhamundá;
16. Tchāgoyāna: caçam com cacête e não conhecem arco e flecha. São altos de pernas finas (Índios Saracura);
17. Tiriyōmetēsem: grupo dos Tiriyō da região do Itani, no rio Kuruwini. São tidos entre os próprios Tiriyō como bravios;
18. Totó: tribo belicosa localizada entre o Jatapu e o Uatumã;
19. Totó-imó: nome coletivo de vários grupos "bravios" que habitavam entre o Mapuera e o Nhamundá. Sua língua é Parukotó. O nome Totó-imó significa literalmente: homens fortes, altos e é usado como sinônimo de "inimigos". A arma predileta é o cacête comprido e pontiagudo na parte inferior, com ele o adversário é abatido e em seguida perfurado. Alguns já se encontravam em aculturação às tribos vizinhas (miçangas, tangas, facas) - Parukotó;
20. Waihayāna: tribo "bravia" primitiva do alto Acapu. Caçam com o cacête não praticam agricultura. São vizinhos ao habitat dos Kaxúyana no Trombetas. (Rio Cachorro);
21. Wayarikurê: pertencem às tribos "bravias" dos Tiriyō e repudiam contatos com estranhos. A maior parte da tribo mora em território brasileiro nas regiões do Matāwari, formador da margem esquerda do rio Paru de Leste. Desconhecem casas redondas. Provavelmente morariam em região de campos (arcos grandes não são práticas na mata). Mas na região só existe mata. Talvez seus ancestrais habitassem campos tendo que migrar devido à pressão da sociedade nacional e de outros grupos indígenas;
22. Yārhyāna: habitam os campos do alto Nhamundá. Seu nome "Índios anta" é derivado de sua caça predileta;

24. Nêreyô: regiões do Panamá e Trombetas;
25. Matchúkui: cabeceiras do rio Cachorro;
26. Marāwana: cabeceiras do rio Cachorro;
27. Mêrêwā: no igarapé Kiremakwā, nos afluentes da margem esquerda do alto Cachorro;
28. Ororikō: nas cabeceiras do Cachorrinho;
29. Paríkyaná: num afluente do Trombetas;
30. Pawiyāna: restos dos "Pauxis" do tempo colonial. Outrora no atual Óbidos e na região da foz do rio Trombetas, hoje existem somente pequenos grupos remanescentes no Erepecuru, nos afluentes Kuãte e água fria;
Segundo os Kaxūyana os Pawixi, emigraram de Óbidos (Pauxis). Historicamente consta que em 1747, os índios Pauxis se revoltaram contra seus opressores portugueses e após massacrá-los, tomaram o rumo do Trombetas;
31. Ptaitōno: na margem direita do alto rio Cachorro;
32. Tchêrêũ: na região do Turūnu, até o rio Cachorro. Xerieu;
33. Tchōkoyāna: na zona intermediária do Panamá e Marapi; com certeza no Kurātari, afluente da margem direita do alto Kachpakūru;
34. Tchurmotā: nas cabeceiras do rio Cachorrinho;
35. Totōrō: na margem esquerda do alto rio Cachorro;
36. Tunayāna: no Turūnu, principalmente no seu afluente da margem esquerda, o Wehānama;
37. Urukuyāna: Jari, Itani e Parūma;
38. Urumanānyana: considerados "extintos", habitavam o rio Cachorro;
39. Wayarāma: no alto Trombetas, Panamá e Ponékuru;
40. Wonowā: região de confluência do Panamá com o Trombetas, zona do Turūnu;
41. Worêyana: (índios mulheres) zona equatorial dos rios Trombetas, Cachorro, Cachorrinho e Kachpakūru até o Erepecuru, considerados "extintos". Talvez tenham tido um sistema matriarcal;
42. Faruarū: isolados no alto rio Mapuera - Tawini, Tukumu, Kumunu, Barakuchi;
43. Faranakarū-Mawari: isolados, no alto Tumūtu até o Nhamundā, nas cabeceiras do Nhamundā e Mapuera. Em 1949 localizados no Tawini;
44. Karahāuyana: isolados, habitando no alto rio Turūnu, nas cabeceiras do Wini, no igarapé Tchariri-Oku;

- 45. Tchâraúmare: isolados no alto Turúnu;
- 46. Kayagadyane: isolados na região do Turúnu até o rio Cachorrinho;
- 47. Kaikútsyāna: isolados no alto Kotonūmu (Trombetas);
- 48. Kaikuídyana: isolados no rio Turúnu até o rio Cachorro afluente do Trombetas;
- 49. Kuāyāna: isolados nas cabeceiras do rio Kuhā até o rio Cachorrinho;
- 50. Kraptê: isolados no igarapé Awatsyāhō, afluente da margem direita do alto rio Cachorro;
- 51. Maopityan: isolados (aruak) entre as nascentes do Kafuini e o Mapuera, fronteira com a Guiana Inglesa.

(informações: Classificação Lingüístico-Etnológica das Tribos Indígenas do Pará Setentrional e Zonas Adjacentes - Revista de Antropologia, Volume 69, Nº 2, Dez/58 - Protásio Friel).

Nonato Correa Nunes, Chefe do PI Nhamundã, pretende ainda este ano montar uma expedição que irá até o alto Nhamundã (Winí), onde os índios Hixkaryana acreditam que existam índios arredios, visando do estabelecer contato.

V - ALDEIA MAPUERA

Tendo em vista os planos da companhia ELETRONORTE S/A para a instalação de uma hidrelétrica na Cachoeira Porteira, no rio Trombetas, Estado do Pará, temos a informar que diversos grupos indígenas serão futuramente atingidos, ou seja, todos os grupos que habitam atualmente a aldeia Mapuera, a saber:

- WaiWai	=	209	pessoas	
- Katuena	=	136	"	
- Hixkaryana	=	125	"	
- Xerieu	=	88	"	
- Mawāyana	=	61	"	
- Tiriyo	=	19	"	
- Karafawyana	=	16	"	
TOTAL	=	654	"	(tronco lingüístico Karib)

Na época em que foi realizado esse censo cerca de 30 índios estavam ausentes da aldeia, pois tinham ido comercializar castanha e artesanato na povoação da Porteira, no Trombetas. Sendo assim, a população aproximada dessa aldeia é de 700 índios, sendo que o crescimento demográfico dessa aldeia é bastante elevado. (Vide Pi râmide de Idade em anexo)

Os índios da aldeia Mapuera perambulam para com er cializar artesanato até a povoação da Porteira, no baixo Trombetas; entre o Mapuera e o Nhamundá, até a aldeia Cassauá, onde visitam seus parentes e com maior frequência até o alto Mapuera para suas at ivida des de caça e pesca.

Como o projeto da Hidrelétrica de Cachoeira Portei ra se encontra na fase de estudos, ainda não se sabe qual a cota exa ta de inundação, mas de qualquer maneira sabe-se que a aldeia Mapue ra ficará "ilhada" ou será parcialmente inundada, tendo que se pro cessar uma transferência. *compensação ou transferência*

Como o rio Mapuera, após a construção da barragem, sofrerá um "alargamento" todas as roças indígenas que ficam nas mar gens do rio serão futuramente atingidas, bem como alguns pontos de castanha.

Na aldeia Mapuera, existem atualmente 126 malocas, fora as instalações da FUNAI, Missão, Igreja, etc... que serão even tualmente inundadas.

As roças da aldeia Mapuera que provavelmente serão atingidas pela inundação são: (mapa anexo)

Roças:

- 01. Nº de Malocas: 5
Culturas: mandioca, cará, banana, cana, abacate, batata-doce e caju
Extensão: 3ha aproximadamente
Roça Coletiva: Mawâyana
- 02. Nº de Malocas: 12
Culturas: mandioca, macaxeira, banana, milho e cará
Extensão: 5ha aproximadamente
Roça Coletiva: WaiWai
- 03. Nº de Malocas: 5
Culturas: cana, banana, mamão, milho e pimenta

- Extensão: 2ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
04. Nº de Malocas: 4
Culturas: mandioca, milho, abacate, jerimum, macaxeira e "frechas"
(material usado na confecção de flechas e arcos)
Extensão: 1,5ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
05. Nº de Malocas: não têm
Culturas: banana, batata-doce, carã, cana e pimenta
Extensão: 1,5ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
06. Nº de Malocas: 3
Culturas: mandioca, cana e mamão
Extensão: 1,5ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
07. Nº de Malocas: 2
Culturas: cana, banana, carã e pimenta
Extensão: 4ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
08. Nº de Malocas: 5
Culturas: banana, abacate, milho, cana e macaxeira
Extensão: 4ha aproximadamente
Roça Coletiva: Hixkaryana
09. Roça do Igarapé Aracú
Nº de Malocas: 2
Culturas: carã, macaxeira, cana, mandioca e jerimum
Extensão: 4ha aproximadamente
Roça Coletiva: WaiWai
10. Nº de Malocas: 3
Culturas: banana, mandioca, caju, algodão e carã
Extensão: 10ha aproximadamente
Roça Coletiva: Tiriyo
11. Nº de Malocas: 1
Culturas: banana, mandioca e cana
Extensão: 3ha aproximadamente
Roça Coletiva: Katuena

12. Nº de Malocas: 6
Culturas: "frechas", mamão, algodão, mandioca, caju e macaxeira
Extensão: 6ha aproximadamente
Roça Coletiva: Katuena
13. Nº de Malocas: 4
Culturas: cana, mamão, batata, mandioca
Extensão: 6ha aproximadamente
Roça Coletiva: Katuena
14. Nº de Malocas: 10
Culturas: mandioca, macaxeira, jerimum, abacate, batata, melancia, goiaba e "frechas"
Extensão: 12ha aproximadamente
Roça Coletiva: Xerieu
15. Nº de Malocas: 7
Culturas: banana, mandioca, algodão, pimenta, cará jerimum e batata
Extensão: 10ha aproximadamente
Roça Coletiva: WaiWai
16. Nº de Malocas: 6
Culturas: banana, mandioca, cana, cará, jerimum, algodão e mamão
Extensão: 3ha aproximadamente
Roça Coletiva: Xerieu

Roças Internas

Todas as roças WaiWai são em círculos, são ao todo 14 roças internas, perfazendo um total de aproximadamente 10ha.

GRUPO A

Culturas: mandioca, macaxeira, mamão, cana, milho, "frechas", cará e batata-doce
Roça Coletiva: WaiWai

GRUPO B

Culturas: cana, milho, melancia e banana
Roça Coletiva: WaiWai

GRUPO C

Culturas: macaxeira, mandioca, banana, cana e jerimum

Roça Coletiva: Wai-Wai

GRUPO D

Culturas: banana, cana, abacate, pimenta e jerimum

Roça Coletiva: Wai-Wai

Os pontos de castanha a serem provavelmente atingi-
dos com a inundação são:

1. ponto de castanha localizado antes da Cachoeira Bateria, acima da antiga aldeia Wai-Wai. (coletivo)
2. ponto de castanha abaixo da atual aldeia dos Wai-Wai. (coletivo)
3. ponto de castanha explorado pela comunidade Xerieu. (vide mapa)
4. ponto de castanha explorado pela família do líder dos Wai-Wai Ewka. (Este ponto de castanha provavelmente não será atingido. (vide mapa).

OBS: A ELETRONORTE S/A fará fotografia aérea dessa área do Mapuera e, daqui a cerca de três meses teremos, então, a extensão exata das roças, pontos de castanha e a localização precisa.

Naturalmente que até a época da inundação muitos desses dados terão sido modificados e terão que sofrer correções.

Serão abertas dentro dessa área delimitada, na fase de estudo do Projeto da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira: 35 clareiras (80m X 100m aproximadamente) e cerca de 3 picadas.

Naturalmente que a abertura dessas clareiras e picadas trará prejuízos ecológicos e principalmente no que diz respeito às áreas de caça, um sério problema. De acordo com o mapa, temos no Mapuera as seguintes áreas de caça:

1. caça: tatu, anta, jabuti, veado, cutia, paca, coatí, queixada e porco do mato;
2. caça: tatu, jabuti, veado, anta, cutia, paca, coatí, queixada e porco do mato;
3. caça: mutum, macaco (guariba, prego, coatá), jacamim, tucano e arara (servem para alimentação e confecção de artesanato);
4. caça: macaco guariba e camalião;
5. caça: mutum jacú, tucano, nambú e jacamim;
6. caça: macaco, tatu, jabuti, veado, anta, cutia, paca, coatí, queixada e porco do mato.

- NECESSIDADES

Os WaiWai do Mapuera não têm mais caçado onça, como antigamente para comercializar as peles em Belém, devido a proibição da comercialização das peles, elas têm sido utilizadas na confecção de tambores.

A ELETRONORTE S/A na próxima etapa do projeto de estudos de Cachoeira Porteira deverá iniciar a abertura de clareiras no Trombetas, Cachorro e Mapuera; Todas as clareiras, se não houver imprevistos (Ex.: condições meteorológicas, etc...), podem ser abertas em cerca de 20 dias.

Para que se efetive essa etapa do projeto faz-se necessária a instalação de uma sub-base de apoio na aldeia Mapuera, tendo em vista a pequena autonomia de voo dos helicópteros empregados nesse trabalho.

Essa sub-base do Mapuera deverá ser instalada no final da pista de pouso e será utilizada para o armazenamento de combustível e outros materiais necessários.

Os Índios do Mapuera foram consultados por nós, juntamente com engenheiros da ELETRONORTE S/A a respeito desse projeto, tendo concordado com a instalação; a pista de pouso da aldeia Mapuera é a única existente próxima às áreas das clareiras. *(Melhorar na época 250 mil cruzetas para esse utilização)*
Obs: a plotação das clareiras previstas se encontra no mapa anexo.

A pista de pouso do PI Mapuera se encontra em boas condições e isso vai facilitar a assistência. Tendo em vista que a 2a.DR possui avião que presta assistência aos grupos indígenas dessa área, Orlando de Albuquerque Chaves, Chefe do PI, considera que esse Posto deva permanecer sob a jurisdição da 2a.DR, pois atualmente o transporte aéreo é o único meio de locomoção, devido a difícil navegabilidade do rio Mapuera.

O PI Mapuera se encontra em sérias dificuldades, necessitando de uma casa sede de Posto e enfermaria já que as existentes são de madeira e palha e estão em péssimo estado.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Há grande necessidade de dois poços artesianos com bomba d'água, devido a grande incidência de diarreia infantil, anualmente.

Para facilitar o transporte fluvial, que é o meio de transporte utilizado pelos índios para deslocarem-se até a Cachoeira Porteira, Oriximiná etc... para comercializar castanha, farinha e artesanato, faz-se necessário um motor de popa e um barco de alumínio.

Parece haver em Belém já uma verba para ser investida no PI Mapuera, mas deve-se procurar aplicá-la de modo que os benefícios provenientes desses recursos não venham a ser atingidos pela inundação, prevista para os próximos sete anos.

Na aldeia Cassauã, o Tuxaua Pedro solicitou, como muitos outros índios, a construção de uma pista de pouso. Esta é realmente uma necessidade, pois a aldeia Cassauã fica há 3 dias de barco da cidade mais próxima que é Nhamundã, sendo que em Nhamundã não há médico nem hospital, nem campo de pouso. Devido ao isolamento há necessidade de uma pista de pouso para casos de emergência e a própria comunidade indígena vem sentido esse problema.

No dia 05.08.81 a Antropóloga Lúcia Helena Soares de Mello se deslocou, através do avião da FUNAI que se encontrava a nossa disposição no Trombetas, para Santarém a fim de buscar dois guardas da SUCAM para borrifar as malocas do Mapuera com DDT e trazer medicamentos como: cloroquina e Primaquina objetivando debelar o surto de malária que havia atingido aquela aldeia.

Cerca de metade da população da aldeia se encontrava com malária. Os guardas da SUCAM borrifaram as malocas e prepararam algumas lâminas para serem analisadas em Santarém.

Também tem aparecido casos de lechimaniose, já têm dois índios em tratamento, sendo que mais um contraiu a doença, e a farmácia do Mapuera não tem medicamento para iniciar esse tratamento.

Como já havia assinalado no relatório de delimitação das áreas dos PIs Nhamundã/Mapuera a situação de saúde no PI Mapuera tem sido crítica, devido a falta de medicamentos e precárias condições da farmácia. Creio que a 2a.DR deveria prestar melhor assistência nesse sentido.

Na aldeia Cassauã, no PI Nhamundã não havia surto de malária e as condições de saúde são bem melhores que no PI Mapuera, mas vários índios estavam gripados.

A construção da Hidrelétrica Porteira irá propiciar a saída dos índios da aldeia Mapuera, saída essa que já vinha ocorrendo em pequena escala para as cidades próximas, devido às péssimas condições do PI e, creio que mais intensamente, devido ao surgimento dessa "jovem guarda" submetida a um processo de destribalização acarretado pela concentração.

Alguns índios mais jovens já começam a falar em procurar trabalho na Hidrelétrica de Cachoeira Porteira. O próprio Chefe do PI Orlando de Albuquerque Chaves considera que com essa construção haverá um abandono sistemático da aldeia.

Creio que para evitar essa situação a FUNAI deva imediatamente aumentar o nível de assistência a esses grupos indígenas e ao mesmo tempo garantir-lhes definitivamente a terra, através da demarcação da reserva; ao mesmo tempo todos os planos dessa comunidade que vise criar novas aldeias ou movimentos de descentralização devem ser apoiados, para que esses índios não venham a se transformar em mão-de-obra barata.

- ASPECTOS GERAIS

De acordo com o depoimento dos castanheiros que habitam a povoação da Porteira, não existem índios arredios na região em que será brevemente abertas clareiras e futuramente inundada, no rio Cachorro. Já o chefe WaiWai Ewka afirma que ainda existem índios arredios naquela região. Realizamos dois sobrevôos, onde localizamos duas prováveis habitações de castanheiros. Entretanto, uma posição definitiva a respeito da presença ou não de índios nessa área só pode ser conseguida com a realização de vistoria "in loco" por sertanistas e índios guias.

Os castanheiros, entretanto, só se aventuraram até o Km 60 da estrada que daria acesso à perimetral norte, sendo que o restante da área permanece inexplorada.

rieu, foi afastado, recentemente da Igreja. A tendência tem sido a dispersão dos grupos, por motivos óbvios.

Esse processo de centralização aconteceu também no Nhamundã, pois os grupos que atualmente habitam a aldeia Cassauã, utilizando a denominação comum de "Hixkaryana" também moravam isolados. Devido aos problemas de depopulação por causa do contato, naturalmente alguns grupos precisaram se unir, entretanto, a influência missionária, no caso de Nhamundã, a atuação do Summer Institute of Linguistics, foi primordial para que todos os grupos se concentrassem, na medida em que essa concentração facilitava sobremaneira a catequese. Os Xoyana habitavam o alto Nhamundã; os Hixkaryana abaixo da Cachoeira Najã e Fumaça e abaixo do paraíso; os Kamarayana habitavam abaixo do paraíso, mas bem no interior da selva; os Karahawyana vieram das cabeceiras do Nhamundã; os Yukwarãyana habitavam o alto Mapuera; e os Xereyewyana, originalmente, parecem ter habitado o Mapuera.

Na medida em que as próprias comunidades indígenas que habitam o Nhamundã/Mapuera queiram criar novas aldeias ou mesmo descentralizar as já existentes, creio que devam ser apoiadas, devido aos sérios problemas que a concentração tem acarretado.

IV - CONCLUSÃO

Recebemos um sistema econômico predatório. Rios poluídos, animais, plantas e tribos extintas. Essa mentalidade predatória persiste, degradando a natureza, sem se pensar no destino do homem:

"O pensamento do Estado, qualquer que seja o tempo e o espaço deve voltar-se para a preservação tanto dos homens quanto do espaço físico por ele ocupado. O habitat, qualquer que seja, deverá ser preservado da ação predatória. Não existe política preservacionista, no entanto, se não houver uma mentalidade preservacionista."¹

"E quantas sociedades tribais foram exterminadas, quantas florestas e quantos animais extintos, em nome de um progresso em desarmonia com o meio..."²

"... A sociedade nacional acha que os indígenas são possuidores de terras extensas e ricas, o que é paradoxal, haja vis

to que os Índios não se exploram (posto que preguiçosos) e nem as sa-
bem trabalhar (posto que primitivos). Eis o pensamento vigente. Ora,
defrontamo-nos no caso com soluções drásticas: que sejam transferi-
dos para áreas distantes, já que representam um problema (ex: Maxaca-
li, MG)..." (Parques Indígenas no Brasil, Sonia Marcato).

De acordo com os mapas apresentados, entre as al-
deias "conhecidas" somente a aldeia Mapuera será ^{penosamente} inundada com a cons-
trução da Hidrelétrica Cachoeira Porteira (Rio Trombetas). Portanto,
as aldeias Cassauã e Porteira (PI Nhamundã - população: 330 Índios)
não serão atingidas.

No caso da construção da Hidrelétrica de Cachoeira
Porteira deve-se atentar para que não ocorram os mesmos erros que já
ocorreram com outros grupos indígenas.

A história da construção da barragem sobre o rio
Hercílio, no PI Ibirama em Santa Catarina (1979) é um exemplo que não
deve ser repetido. Há muito tempo se falava naquela obra como a solu-
ção para o problema das inundações do Itajaí. Entretanto, os Índios
de Ibirama que teriam terras e bens perdidos com a contensão das águas,
não foram consultados. Em fins de 1979 a área recebeu o impacto da
primeira inundação que no dizer de todos os Índios transformou o va-
le em lago e cobriu a estrada; com a descida das águas verificaram
os Índios que tinham perdido casas, bens e plantações. Receberam do
DNOS pequena indenização que não era suficiente para cobrir perdas
e danos; quantia essa que só foi paga nove meses depois, sem juros
nem correção monetária, sendo que nem todos os prejudicados consegui-
ram receber a indenização. Enquanto isso, disseram os Índios, os "ci-
vilizados" foram indenizados dentro dos padrões mais justos.

De acordo com o Estatuto do Índio, parece que somen-
te às áreas indígenas demarcadas têm direito a receber indenização:

Das Terras dos Índios.

"As terras indígenas, por iniciativa e sob a orien-
tação do órgão federal de assistência ao Índio, serão administrativa-
mente demarcadas de acordo com o processo estabelecido em decreto do
Poder Executivo.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

§ 1º - A demarcação promovida nos termos desse artigo, homologado pelo Presidente da República, será registrada em livro próprio do serviço de Patrimônio da União (SPU) e do registro imobiliário da comarca da situação de terras..."

"Art. 20 - Em caráter excepcional e por qualquer dos motivos adiante enumerados, poderá a União intervir, se não houver solução alternativa, em área indígena, determinada a providência por decreto do Presidente da República.

§ 1º - A intervenção poderá ser decretada:

d) para a realização de obras públicas que interessem ao desenvolvimento nacional;

§ 2º - A intervenção executar-se-a nas condições estipuladas no decreto por meios suasórios, dela podendo resultar, segundo a gravidade do fato, uma ou algumas das medidas seguintes:

c) remoção de grupos tribais de uma para outra área.

§ 3º - Somente caberá a remoção de grupo tribal quando de todo impossível ou desaconselhável a sua permanência na área sob intervenção, destinando-se à comunidade indígena removida área equivalente à anterior, inclusive quanto às condições ecológicas.

§ 4º - A comunidade indígena removida será integralmente ressarcida dos prejuízos causados pela construção de obras públicas.

Creio que independentemente de uma área estar delimitada, demarcada ou que sobre ela não se tenha nada estabelecido, desde que seja comprovado que é habitat imemorial indígena, a comunidade teria todos os direitos as indenizações de cada casa, cada roça, cada ponto de castanha, pois não é sua culpa a não-demarcação. Além disso às terras inundadas deverão ser recompensadas com o crescimento da reserva (em terras).

De acordo com o projeto de Cachoeira Porteira somente a aldeia Mapuera será atingida (população: 700 índios aproximadamente - 126 malocas).

Quando tivermos a cota exata da inundação poderemos averiguar a que distância a aldeia Mapuera deverá ser deslocada. Essa transferência não poderá ser realizada sem haver bom esclarecimento.

*fa' que as informações de 1982, da
eletromete prevêem uma inundação até 60
km da aldeia*

mento junto à comunidade, possibilitando a ela, a escolha das alternativas para a nova fixação. Assim, também, se tivermos que compensar (em terras), a área inundada, a vontade e opinião dos grupos indígenas deve ser respeitada.

A experiência mundial, acumulada na implantação de reservatórios de usinas hidrelétricas tem sugerido que a geração de energia, além de atender às necessidades específicas de consumo, impõe alterações no ambiente físico-biológico e no espaço sócio-econômico da região onde se localiza o curso do rio. Essas alterações podem resultar em desequilíbrios graves para o meio ambiente, com fortes repercussões nas condições de vida e na atividade econômica do contingente populacional instalado na área.

O aproveitamento do potencial elétrico traz, como uma de suas consequências, repercussões para as populações indígenas da região.

Com o objetivo de avaliar as repercussões que essas populações poderão sofrer com a construção de barragens, faz-se necessário extrapolar o terreno das hipóteses sobre futuros acontecimentos, permitindo assim, o estabelecimento de uma programação para controlar as repercussões que certamente afetarão os grupos indígenas.

Os grupos isolados, que são os grupos que virão a ser atingidos com a construção da Hidrelétrica Porteira, vivem em zonas não alcançadas pela sociedade brasileira, só tendo experimentado contatos com os "civilizados" esporádicos.

A construção de uma hidrelétrica suscita os seguintes efeitos diretos: repercussão oriunda de contato direto entre a barragem e a área ocupada pelo indígena; neste caso haveria inundação de terrenos de diversas qualidades e usos representando assim, perda permanente de parte do patrimônio tribal e da potencialidade de produção; perda ou isolamento de benfeitorias que porventura existam; perdas de áreas florestais de diversas qualidades e de fauna associada (abertura de 35 clareiras de 80m X 10m), de difícil duplicação e finalmente alterações ecológicas por modificação do teor de umidade do ar e do solo.

Por efeitos indiretos, entendem-se as conseqüências para um território indígena da construção de uma barragem que não atinja fisicamente a área em questão. Nesse caso existe a possibilidade do rompimento de vias de comunicação ou acesso (ex.: Ibirama). No caso do Mapuera, com a barragem a navegabilidade do rio será prejudiciada; construção de estradas em território indígena, pressões políticas e sociais sobre os territórios indígenas para abrigarem grupos "civilizados" desalojados pelos alagamentos. No caso da Hidrelétrica da Cachoeira Porteira como a área do reservatório se constitui de mata virgem, sem ocupação regional essa pressão não será sentida; entretanto, a construção dessa hidrelétrica atraíra grande número de pessoas tendo, conseqüentemente, o mesmo efeito pernicioso sobre o território tribal.

As áreas, como no caso do Mapuera, que receberão efeitos diretos da construção da barragem estão sempre sujeitas a esses efeitos indiretos.

Entretanto, os indígenas formam povos étnica e culturalmente diferentes da sociedade nacional e por isso tem direitos inalienáveis previstos na legislação nacional e internacional e a ELETRONORTE deve instrumentar-se convenientemente a respeito das desapropriações e indenizações dos territórios indígenas e sobre as características específicas dos grupos a serem relocados.

Em um dos Ítens 92 Recomendações do Estudo do Inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do Rio Xingu, volume ELETRONORTE, Ministério das Minas e Energia, na íntegra:

"... Recomenda-se o enfoque multidisciplinar e integrado dos diferentes aspectos da realidade da área de implantação do projeto, a qual, por sua natureza e características, abrange, dentre outros, os campos de economia, sociologia, ecologia, geografia, urbanismo, antropologia e arqueologia, com o objetivo de formular o plano composto por diretrizes mitigadoras das repercussões decorrentes do aproveitamento do complexo, envolvendo:

- reassentamento populacional;
- reassentamento de atividade econômica;
- relocação de infra-estrutura;
- minimização de interferência com reservas indígenas e sítios arqueológicos; e
- proteção do meio ambiente físico e biológico."

Ora, de acordo com este item, a construção da Hidrelétrica Porteira acarretará a inundação do sítio arqueológico cerâmico que se localiza abaixo da aldeia Mapuera, que ainda não foi estudado. Dentre os critérios utilizados para saber se determinada região se constitui em habitat imemorial indígena figura a prova arqueológica. Além disso, o indígena tem como característica de sua cultura o respeito pela terra habitada pelos seus antepassados, transmitindo às novas gerações esses sentimentos e conhecimentos através da tradição oral (critério etnohistórico).

O Baixo Trombetas é conhecido historicamente pela grande quantidade de sítios arqueológicos cerâmicos, ou seja, as famosas "terras pretas".

Charles Frederick Hartt já em 1870-1871 identificara as terras pretas ao sul de Santarém e adjacências como antigas moradias dos índios e era de opinião que a fecundidade delas "tinha atraído a atenção dos indígenas e em toda a parte onde se encontra uma mancha de terra preta há certeza de encontrar também evidência de antiga ocupação."

Devido a construção da Hidrelétrica Porteira, vasta área no Trombetas e Cachorro será inundada; sendo que nessa área pouco a arqueologia pode até hoje estudar, talvez se perca sem se saber, diversos sítios arqueológicos cerâmicos, pois existem sítios cerâmicos em regiões próximas ou adjacentes a essa área, como: serra do Sapucaá, ao lado norte do lago do mesmo nome; na cabeceira do rio Saracá e Araticú, no igarapé dos Anjos, afluentes ocidentais do lago Sapucaá; na serra Valha-me Deus, entre o Trombetas e o Nhamundá; nos Seringais a oeste e nordeste de Oriximiná e no curso inferior do Cuminá-Erepecurú.

Provavelmente outros sítios que ainda não se conhece poderão vir a ser atingidos; o sítio arqueológico cerâmico no Mapuera, será certamente inundado, mas nessa vasta região esse é o único sítio que já se conhece. (Vide mapa)

A cerâmica encontrada nas terras pretas do baixo Jamundá-Trombetas, não é uniforme do ponto de vista estilístico. Pode ser dividida em três grupos distintos:

GRUPO 1: cerâmica temperada com areia, vasilhames simples e de forma globular. Decorações por intermédio de insiões fixas, ti

po "espinha de peixe", na borda externa e no colo superior do vasilhame sem pintura. Encontrada no baixo Trombetas e no Erepecuru, como também no lago Sapucuã.

GRUPO 2: cerâmica temperada com "cauixy" vasilhames de formas diversas, bases anulares e predileção pelos adornos ou alças antropomorfos e zoomorfos. Vestígios raros de pintura vermelha. Constatada em todas as terras pretas.

GRUPO 3: cerâmica temperada com cauxy, mais dura que a anteriormente descrita. Adornos ou alças de formas globulares. Borda escalonada. Incisões em linhas finas e também largas. Vestígios raros de pintura em branco e vermelho.

CAUXY: espongiário silicoso de água doce, que prolifera nas águas estacionárias, preso ao solo inundado, aos troncos das árvores, aos cascos das embarcações, com a condição de estarem em água permanentemente.

Considerando o acima exposto, solicito a V.Sa., o envio de uma cópia desse relatório ao DGPI tendo em vista a delimitação das áreas dos PIs Nhamundã/Mapuera proposta pelo último GT, outra cópia à CAM para que esta considere as atividades missionárias naquela região e finalmente a remessa de uma outra cópia ao Setor de Documentação da AGESP.

Entretanto, considero de extrema importância que a FUNAI venha a ter uma participação efetiva nos "Estudos preliminares de viabilidade para construção de hidrelétricas" realizados pela ELETRONORTE, pois dessa forma um dos fatores primordiais a se considerar para a proposta de viabilidade ou não de uma hidrelétrica, seria a presença de comunidades indígenas a serem atingidas na região.

Ao se analisar o mapa contendo a plotação das clareiras do Mapuera, Cachorro e Trombetas, e áreas de roça do Mapuera

(em anexo); constata-se que existe uma proposição da ELETRONORTE no sentido de construir um aproveitamento no Alto Mapuera, dentro da área delimitada, chamado Corona. (Mapa B)

Tendo em vista que a ELETRONORTE nem mesmo iniciou os estudos de "viabilidade" à respeito desse aproveitamento, faz-se necessário que a FUNAI participe efetivamente dessa análise, no sentido de demonstrar as consequências irreversíveis para os grupos indígenas da região, pois o mesmo se encontra dentro da área indígena delimitada.

Se realmente se efetivar a construção da hidrelétrica Porteira, a forma mais eficaz de se compensar a área indígena inundada seria pelo crescimento ao norte da reserva, de acordo com os interesses da comunidade indígena, entretanto o aproveitamento de Corona se levado a efeito, inviabilizaria essa hipótese.

Nesse sentido, em entendimentos verbais com o Sr. Aldair Teixeira, Diretor de Engenharia da ELETRONORTE, esse se mostrou favorável à proposição contrária à construção do aproveitamento de Corona, dadas as consequências negativas para as populações indígenas.

Creio que a FUNAI deva manter contato, com o IBDF a respeito dos prejuízos ecológicos acarretados com a construção dessas hidrelétricas, particularmente com relação à construção de hidrelétrica de Cachoeira Porteira; Prende-se essa observação ao conhecimento de informações não-oficiais de diversos tabuleiros de tartarugas a serem atingidos devido a essa construção; a finalidade desse contato seria a tomada de medidas comuns pelos dois órgãos.

De acordo com o mapa que contém a delimitação das áreas dos Pis Nhamundã/Mapuera, plotação das roças, áreas de pesca e caça tanto do Nhamundã como do Mapuera, verificamos que com a construção da Hidrelétrica de Porteira, todas as áreas de pesca que se encontram ao longo do rio Mapuera serão atingidas ecologicamente, uma vez que os peixes que habitam nas cachoeiras, provavelmente não sobreviverão em águas de reservatório, portanto, a FUNAI deverá manter contato com o IBDF no sentido de relacionar as espécies de peixes que

poderão parecer, as possíveis soluções para o problema, a fim de que possamos avaliar os prejuízos culturais e ecológicos resultantes desse fato para os índios que habitam essa região.

As áreas de pesca do Mapuera seriam as seguintes:

- 1 - Trairão, surubim, e tracajã
- 2 - pacú.
- 3 - piranha, surubim, trairão, viriote, pacú e tracajã
- 4 - Cujuba
- 5 - piranha, viriote, pacú e trairão.
- 6 - piranha, viriote, pacú e trairão.
- 7 - trairão, surubim e piranha.

OBS. Essa relação não pretende esgotar as espécies de cada região, mais apenas indicar a concentração maior de certas espécies em certos locais.

De acordo com essa relação (vide mapa), todas essas espécies de peixe poderão ser atingidas com a destruição das Cachoeiras, vindo a acarretar sua extinção.

Quanto ao fato de possivelmente sítios arqueológicos virem a ser inundados, sugiro que se inicie imediatamente o levantamento do sítios já conhecido e que outros sejam localizadas e estudados dentro de área de inundação. (Mapa B)

MINTER - FUNAI -
M. A. de Faria e. de Almeida
Marta da Penha Cunha de Almeida
Fotógrafa

VII - BIBLIOGRAFIA

1. RODRIGUES, Barbosa. Exploração e Estudo do Valle do Amazonas, SNT.
2. FRIKEL, Protásio. Kaxúyana - Notas Etno-históricas, Publicações avulsas do Museu Goeldi.
3. FRIKEL, Protásio. Dez anos de Aculturação Tiriyo, Publicações avulsas do Museu Goeldi.
4. FRIKEL, Protásio e CORTEZ, Roberto. Elementos Demográficos do Alto Paru do Oeste, Publicações do Museu Goeldi.
5. FRIKEL, Protásio. Classificação Lingüístico-Etnológica das Tribos Indígenas do Pará Setentrional e Zonas Adjacentes, Revista de Antropologia, São Paulo, 6(2), 1958.
6. COURDEAU, Henri. Voyage au Yamundã, 1899.
7. ELETRONORTE. Inventário Hidrelétrico da Bacia do Rio Xingu, Ministério das Minas e Energia.

MPCA/

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

IX - ANEXOS

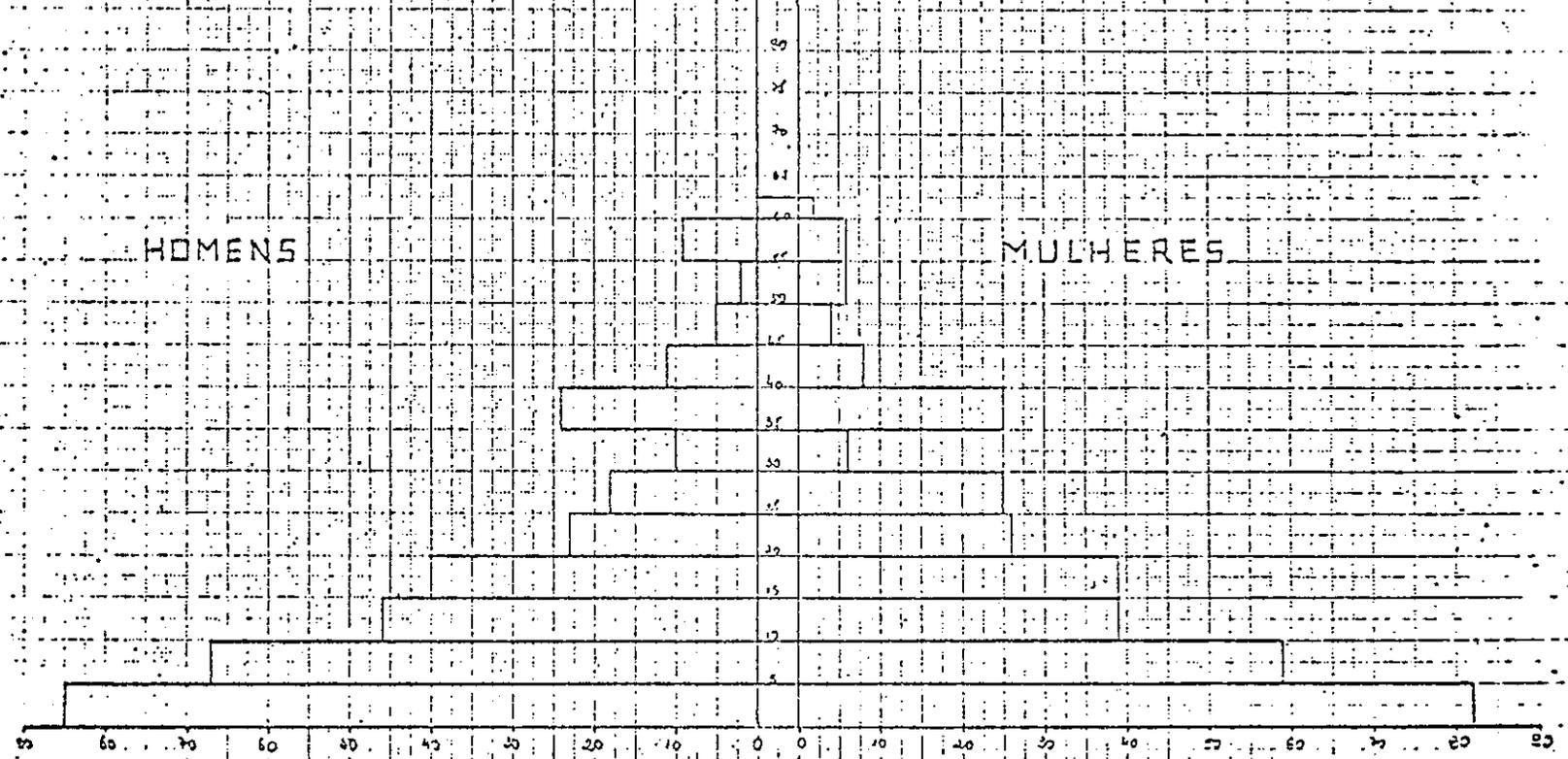
A - PIRÂMIDE DE IDADE DA ALDEIA MAPUERA

PRO. 31/5/94
FLS. 49
NÚMERO 1010

ALDEIA MADUEIRA

HOMENS

MULHERES



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 3175/81

FLS. 50

RUBRICA: 81

B - MAPA CONTENDO A PLOTAÇÃO DAS CLAREIRAS DO MAPUERA,
CACHORRO E TROMBETAS E ÁREAS DE ROÇA DO MAPUERA
(EM VERMELHO).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

51

C - MAPA DA DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS DOS PIS NHAMUNDÃ/ MAPUE
RA CONTENDO A PLOTAÇÃO DAS ROÇAS, ÁREAS DE PESCA E
CAÇA, TANTO DO NHAMUNDÃ COMO DO MAPUERA.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 3115/81

FLS. 59

RUBRICA ACI

D - MAPA DO RESERVATÓRIO CONTENDO A PLOTAÇÃO DOS 11 DIQUES QUE SERÃO CONSTRUÍDOS. (ESSES DIQUES SE ENCONTRAM FORA DA ÁREA INDÍGENA).

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

REQUISIÇÃO DE PROCESSO Nº 120/DGPI

PROT. Nº 3115/81
FOL. 54
REVISOR Helena

2. (AO) AGESP

SOLICITO PARA CONSULTA O PROCESSO Nº 3115 / 81, REFERENTE

3. (AO) ESTABANDO GOSPEI

Relatório da área TROMBETAS/MAPUERA/PA.

20.10.181- DGPI

DATA E ORGÃO

[Signature]
AUTORIDADE
Carlos Marcelo Vellozo.
Chefe da Secretaria do DGPI

INFORMAÇÃO DO PROTOCOLO SETORIAL DA UNIDADE REQUISITANTE: O PROCESSO Nº _____	
/ / , FOI ENCAMINHADO À (AO) _____	
EM / /	
DATA E ORGÃO	CHEFE DO PROTOCOLO SETORIAL

À (AO) DGPI ORGÃO REQUISITANTE

- O PROCESSO Nº 3115 / 81, FOI ENCAMINHADO À (AO) _____
EM / / INTER-LOCAIS NACIONAL L
RUB. SERVIDOR
- O PROCESSO FOI ARQUIVADO EM / /
RUB. SERVIDOR
- PROVIDENCIADA A _____
RUB. SERVIDOR
- _____

SPA, / /

CHEFE

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º FUNAI 3/15/81
Fis. 55
Rubrica [assinatura]

INFORMAÇÃO Nº 256 /81-AGESP

Ref.: Proc.FUNAI/BSB/3115/81

Sra.Coordenadora da CPC,

Tomamos conhecimento, nesta oportunidade, das implicações ecológicas e arqueológicas conseqüentes da construção da Hidroelétrica Porteira, no Rio Trombetas (Cachoeira Porteira).

Pela informação constante no relatório da Antropóloga Maria da Penha fomos informados que: "... a construção da Hidroelétrica Porteira acarretará a inundação do Sítio Arqueológico Cerâmico que se localiza abaixo da aldeia Mapuera, que ainda não foi estudado. (...) O Baixo trombetas é conhecido historicamente pela grande quantidade de Sítios Arqueológicos (...)". (Proc.Cit. fl.37).

Nestes casos a medida a tomar é a de desencadear uma operação de salvamento arqueológico. Para tanto, a AGESP não dispõe de uma equipe adequada, sendo aconselhável a colaboração do Museu Paraense Emílio Goeldi; (End.Av.Magalhães Barata, 376, Belém-PA) que é responsável pela pesquisa Arqueológica na Área da Amazônia Legal e dispõe de pessoal e experiência técnica para tais empreendimentos.

Concluimos, portanto, pela urgência da necessidade da realização de pesquisas no Sítio Arqueológico localizado no rio Mapuera através de convênios ou acordo com instituições abalizadas.

Brasília, 30/nov./81


CARLOS EDUARDO P. MILLS
Arqueólogo

MILLS/mk

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º FUNAI 3/15/81
Fls. 56
Rubrica

INFORMAÇÃO N.º 257 /81-AGESP
Ref. Proc.FUNAI/BSB/3115/81

Senhor Assessor Técnico-Chefe,

Encaminho em anexo, à V.Sa., relatório referente ao Projeto da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira (Trombetas), área da 2a.DR., elaborado pela antropóloga Maria da Penha Cunha de Almeida, em atenção à Instrução Técnica nº 029/GT Parakanã.

O referido deslocamento teve, como objetivo, o assessoramento da FUNAI junto à equipe da Eletronorte na fase de estudo daquela hidrelétrica, incluindo-se "um estudo preliminar sobre as soluções possíveis para os grupos indígenas que habitam a aldeia Mapuera", (Memo.nº 402/81-AGESP de 24.09.81).

Informo a V.Sa. contar o referido Relatório de subsídios históricos relevantes para a compreensão da origem, ocupação e fases do contato interétnico de diferentes grupos indígenas que habitaram, e daqueles que hoje habitam, a região do rio Trombetas, abrangendo grupos arredios.

Considerando as necessidades dos grupos à serem atingidos, direta e indiretamente, conforme o exposto às fls.26-31, solicito a V.Sa. o encaminhamento de cópias ao DGO, devendo-se observar a conclusão às fls.33 e seguintes face a existência de um sistema predatório que vem se formando irreversível.

Solicito, ainda, a V.Sa. o encaminhamento de uma cópia à Procuradoria Jurídica visando um estudo sobre a indenização do grupo indígena atingido pela construção da barragem sobre o rio Hercílio (PI Ibirama) os quais, segundo o mencionado às fls. 34, foram discriminados naquela indenização.

Considerando, ainda, o exposto às fls. 37-39 quanto ao sítio arqueológico cerâmico da região à ser inundada pela Hidrelétrica, fêz-se necessário a elaboração de uma parecer (em anexo) pelo arqueólogo Carlos Eduardo Mills, desta CPC (o qual é autor do Projeto ARQ-I a ser desenvolvido em áreas indígenas e aprovado por esta AGESP para sua execução em 1982).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SF
3/11/81
-02-

Nesse sentido, solicito a V.Sa., esta CPC, venha a ser indicado aquele arqueólogo para o devido assessoramento, por parte da FUNAI, junto ao Museu Emilio Goeldi, no projeto de salvamento arqueológico da área a ser atingida.

Solicita, ainda coordenação a V.Sa., sejam observadas as sugestões emitidas pela antropóloga Maria da Penha Cunha de Almeida às fls.37 e seguintes quanto à participação e assessoramento da FUNAI junto à hidrelétrica dadas as consequências irreversíveis de sua construção para os grupos indígenas, considerando-se os entendimentos verbais com o Senhor Aldair Teixeira Diretor de Engenharia da Eletronorte.

Na oportunidade, informo a V.Sa. que uma cópia deste mesmo relatório foi encaminhado ao DGPI, bem como deve ser enviada a CIC/AGESP.

Em, 30/nov./81

Diana Clea Garcia da Motta
DIANA CLEA GARCIA DA MOTTA
Coordenadora CPC

DCGM/mk

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3/15/81
58/1

MEMO Nº 863 /81 - AGESP

, 28. 12.81

Assessor Técnico Chefe da AGESP

Senhor Procurador Geral da FUNAI

Senhor Procurador,

Encaminho a V.Sa., em anexo, cópia do Relatório referente ao Projeto da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira (Trombetas), área da 2ª DR, elaborado pela Antropóloga MARIA DA PENHA CUNHA DE ALMEIDA, desta AGESP, em cumprimento à Instrução Técnica nº 029/GT Parakanã.

Em atenção ao exposto no referido Relatório, às fls..34, encaminho-o a V.Sa. para conhecimento e providências que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Assessoria Técnica de Estudos e Pesquisas
João Emanoel Hansen
Assessor Técnico Chefe

DCG/ar

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SA
3/15/81

Mem. nº 565 /81-AGESP

28.12.81

Assessor Técnico-Chefe da AGESP

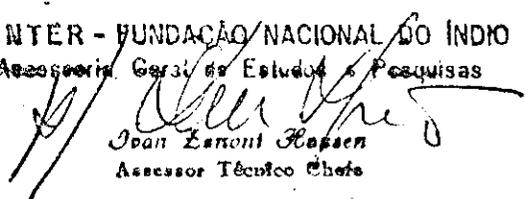
Senhor Diretor do DGD

Senhor Diretor,

Encaminho a V.Sa., em anexo, cópia do Relatório referente ao Projeto da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira (Trombetas), área da 2a.DR, elaborado pela Antropóloga Maria de Penha Cunha de Almeida, desta AGESP, em atenção à Instrução Técnica nº029/GT Parekanã.

Atenciosamente,

MINISTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Assessoria. Ger. de Estudos e Pesquisas


Joan Laurent Hansen
Assessor Técnico Chefe

DCGM/mk

PROC. N.º FUNAI 3/15/81
Fls. 681
Rubrica [assinatura]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

OF. Nº /81 - AGESP

Brasília, de dezembro de 1.981

Senhor Diretor,

A Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas (AGESP), subordinada à Presidência da Fundação Nacional do Índio, está no momento, diante de um trabalho ligado à pesquisa arqueológica e vem solicitar a orientação de V.Sa., dada sua atuação na Amazônia Legal.

Trata-se das conseqüências resultantes da construção da Hidroelétrica Porteira, situada na Cachoeira Porteira no Rio Trombetas e que prevê uma cota de inundação que deverá atingir o Rio Mapuera, onde nossa equipe de técnicos localizou vestígios de sítios arqueológicos cerâmicos. Como em situações precedentes, afigura-se necessário a elaboração e o desenvolvimento de um projeto de salvamento arqueológico na área.

Não dispõe a FUNAI de equipe especializada para a realização de tal empreendimento. Assim, solicitamos sua opinião no sentido de estudar um plano de atuação conjunta imediata, sob sua orientação. Dispomos, de nossa parte, do Antropólogo e Arqueólogo CARLOS EDUARDO PLÁCIDO MILLS da Coordenação de Cultura Indígena que estará a disposição para acompanhar os trabalhos.

Ilmo. Sr.
Dr. LUIS MIGUEL SCAFF
Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi
Av. Magalhães Barate, 375
CEP 65.000 Belém - PA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FUNAI 3/1/81
[Handwritten signature]

Sugerimos, por outro lado, que toda a correspondência sobre estes nossos entendimentos seja dirigido à Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas (AGESP) - SAS Bloco "A" - Q.01 7º andar - sala 725.

Nesta oportunidade, subscrevemo-nos a tenciosamente.

MININTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas
[Handwritten signature]
Isaac Edmundo Rausen
Assessor Técnico Chefe

CEPEM/sr